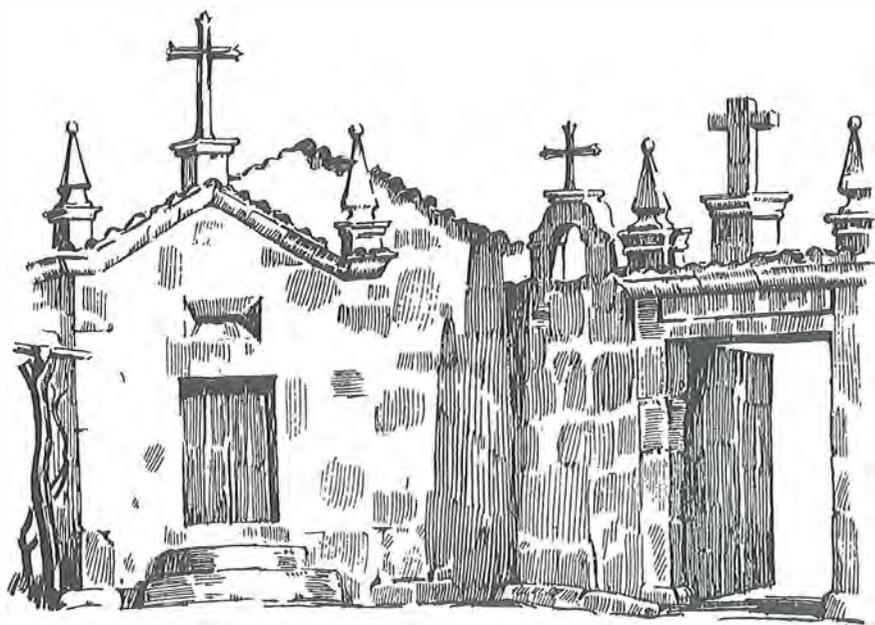


Tormes, o mais «alto sítio» da geografia queirosiana

A. Campos Matos



ESTAMOS EM CRER QUE RASTREAR OS LOCAIS DA geografia queirosiana é enriquecer, pelo sentimento e pelo conhecimento, a expressão literariamente transfigurada com que eles se nos apresentam na sua obra. Melhor entenderemos assim a maneira como os viu e a osmose tão significativa e tão perfeita que praticou entre esses lugares e as suas personagens.

Poderemos deste modo dizer que o recurso à descrição de lugares e espaços da geografia real constitui uma das mais importantes categorias do seu *processo*.

A sensação de verosimilhança que Eça consegue transmitir-nos não resulta apenas da naturalidade e coloquialidade dos diálogos, mas também da arte ímpar de colocar as personagens nos seus ambientes próprios, de saber desenhar ou recriar esses ambientes como uma realidade viva, da sua capacidade de nos dar uma representação insuperável no domínio do visual. É isto, em suma, a ilusão do real.

«O escritor não tem outra missão senão a de reproduzir fielmente esta ilusão com todos os meios de arte que aprendeu e de que pode dispor». Assim o disse Maupassant, em 1887, no prefácio de *Pierre et Jean*.

Se cerca de metade da curta existência de Eça de Queirós foi passada no estrangeiro, Havana, Newcastle, Bristol, Londres e Paris, nem por isso Portugal deixou de ser o tema predominante da sua produção literária.

Homem do Norte: «*Eu sou apenas um pobre homem da Póvoa de Varzim*», passou os primeiros meses em Vila do Conde e, de seguida, em Verdemilho, até aos dez anos. Fez a educação secundária no Porto, e a admissão ao curso de Direito, na Universidade de Coimbra. Deixou-se fascinar, depois de formado, por Lisboa, cidade que elegeu como cenário principal do seu mundo ficcional. E se muito denegriu a capital vendo-a através de uma luneta naturalista que lhe embaciou frequen-

temente a visão dos edifícios, da paisagem urbana e dos espaços, que fez habitar por uma fauna humana com eles condizente, molengona e habitualmente grosseira, ociosa e medíocre, muito a exaltou também ao traçar inúmeros quadros da sua paisagem envolvente, de rio e montes, da sua luz, de uma grande e poética delicadeza. O seu preconceito de realismo de escola talvez o tenha inibido de exprimir com mais fulgor e liberdade o halo com que envolveu e exaltou Lisboa.

Foi sobretudo pela voz do Teodorico Raposo d'*A Relíquia*, possivelmente a mais reveladora e pessoal das suas obras, que deu largas ao amor que sentiu por Lisboa. Só um exemplo. Quando o Raposo chega da Terra Santa sente-se «resplandecer». Porquê? Ouçamo-lo: «*Era decerto em mim o deleite de rever, sob aquele céu de Janeiro, tão azul e tão fino, a minha Lisboa, com as suas quietas ruas cor calíça suja, e aqui e além as tabuinhas verdes descidas nas janelas, como pálpebras pesadas de langor e de sono*». Aqui temos, dentre tantas outras, a exaltação da cidade, já feita sem a severidade da visão naturalista, a dar a Lisboa a merecida aura, que bem vai à sua luminosa beleza.

«*Lisboa é o meu lugar*» podia ter dito, como Fernando Pessoa, pela voz de Bernardo Soares. Conheceu-a bem, de a calcorrear a pé pelos seus bairros populares: Bairro Alto, Mouraria e Alfama. Batalha Reis conta-nos, na «Introdução» das *Prosas Bárbaras*, das deambulações que faziam a pé e que se estendiam, pelas margens do Tejo, até Belém e à Praia da Torre e depois até à Igreja da Memória, na Ajuda.

A dois anos da morte, num dia de Abril, ainda escrevia do quarto andar do Rossio 26, à mulher, nestes termos: «*Lisboa, desta vez não exerceu sobre mim o costumado charme*». Não admira, encontrava-se em plena crise gástrica, a águas de Vidago, impedido de tra-

balhar, o que, como dizia, lhe causava uma «*atrapalhação digestiva e literária*».

Mas se Lisboa é a urbe por excelência da sua ficção, o seu palco literário não se limita à capital do reino.

Um lugar de eleição nos chama, centro de múltiplas actividades queirosianas da Fundação Eça de Queiroz – Tormes, o mais importante dos «altos sítios» desse mundo mágico criado pela excepcional arte literária de Eça.

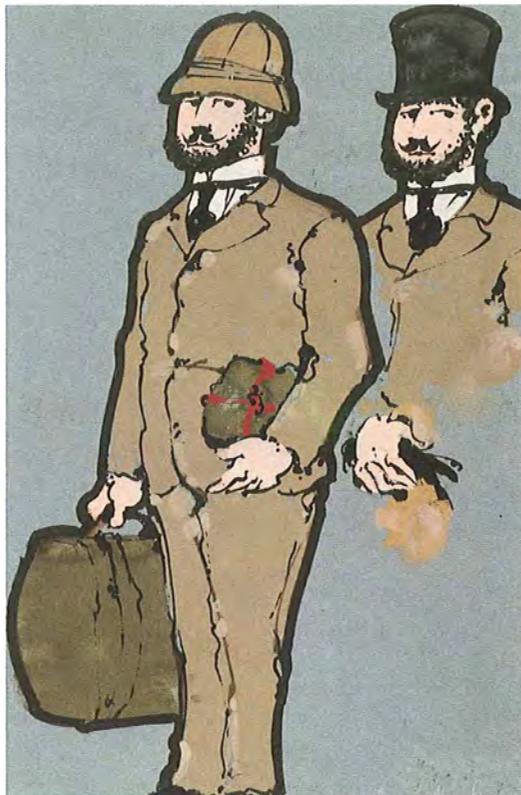
Verdadeira Meca portuguesa desses lugares, a presença literária e biográfica do escritor andam em Tormes de braço dado. Até os seus restos mortais repousam aqui, mais abaixo, no cemitério de S.ta Cruz, nesse «*solo eterno e de eterna solidez*» como podemos ler no último parágrafo d'*A Cidade e as Serras*, romance que é fruto de emoções profundas vividas inesperadamente por Eça de Queirós entre estes vales, tão ricos de sonhos, silêncios e neblinas.

Quando Eça aqui esteve pela primeira vez, em Maio de 1892, as suas salas deviam parecer-se muito com a descrição que delas faz Zé Fernandes n'*A Cidade e as Serras*: «*Eram enormes duma sonoridade de casa capitular; com grossos muros enegrecidos pelo tempo e o abandono, e regelados, desoladamente nuas, conservando apenas aos cantos algum monte de canastras ou alguma enxada entre paus. Nos tectos remotos, de carvalho apainelado, luziam através dos rasgões manchas de céu. As janelas, sem vidraças, conservavam essas maciças portadas, com fechos para as trancas, que, quando se cerram, espalham a treva. Sob os nossos passos, aqui e além, uma tábuia podre rangia e cedia*».

Quinta e casa couberam em partilhas a Emília de Castro, por falecimento, em 1890, de sua mãe, mas ela jamais as visitara. Só em Paris iria saber como era esse solar de Vila Nova, perdido entre as serranias do Douro. Sua irmã Benedita fora em 1892, com Eça, à

Foi sobretudo pela voz de Teodorico Raposo, d' *A Relíquia*, que Eça deu largas ao amor que sentiu por Lisboa.

Teodorico Raposo visto por João Abel Manta.



descoberta das propriedades que haviam herdado. Benedita em Beire, perto de Penafiel, hoje Casa do Gaiato, Emília em S.ta Cruz do Douro. Fazem ambos a ascensão da serra, a cavalo, a partir da estação de caminho de ferro, hoje Tormes-Aregos.

Perguntou um dia, numa pequena crónica intitulada «Eça de Queiroz em Resende», o grande contista do Douro João Araújo Correia: «*Porque não vão os senhores, um dia, até Baião e Resende? Não é só ler até adormecer na poltrona. É preciso ver, com olhos de ver, os lugares literários*». Pois aqui vamos a caminho de S.ta Cruz do Douro, onde fica a Quinta de Vila Nova, a Tormes d' *A Cidade e as Serras*.

Maria Eça de Queirós, a filha do escritor, veio para aqui viver em 1916, ano em que

casou com um primo co-irmão (Resende). Foi então reunindo tudo o que dizia respeito ao pai e que se encontrava disperso pelos seus descendentes. Quando faleceu, em 1970, com 83 anos, Tormes passaria para a posse de seu filho Manuel Benedito e de sua mulher Maria da Graça Salema de Castro. Quando da morte de Manuel Benedito, em 1978, já decidira o casal criar uma Fundação Eça de Queiroz, ideia admirável que fez preservar o património valiosíssimo, de outro modo ameaçado de inevitável dispersão.

Em 1990 era criada a Fundação. Sete anos mais tarde inaugurava-se a reabertura da casa depois de várias obras de reabilitação e consolidação.

Podemos agora entrar no belo pátio da casa de Tormes, recentemente lajeado a granito. Depara-se-nos uma fachada revestida de verdura: «*Tem um arco enorme*», escreveu Eça, «*e por baixo dele duas escadarias paralelas que são de um mau gosto incomparável. Como solidez está perfeita. Precisa apenas, por dentro, ser soalhada e caiada...*»

O estado de abandono da casa, tal como Eça a conheceu, fê-lo exagerar e atribuir-lhe uma fealdade que hoje dificilmente compreendemos. Dentro, subida a escada, esperamos um ambiente de excelente bom gosto. O que era um antigo celeiro, «*salas para secar o milho*» informa-nos Zé Fernandes, é agora a Casa Museu Eça de Queiroz, onde podemos ver variadíssimas relíquias: a mesa em que escrevia de pé, a cabaia chinesa com que se fez fotografar e que lhe foi oferecida pelo conde de Arnoso, uma parte dos seus livros e objectos pessoais, os seus quadros e gravuras e a maioria das mobílias que preenchiam a última casa onde viveu em Neuilly.

Da eira, que domina o vale, vemos as seras azuladas que encantaram Jacinto e lá em baixo o pequeno cemitério de S.ta Cruz, para

onde foram trasladados, em 1989, os restos mortais do escritor, que aí repousa entre os seus quatro filhos.

De tudo isto e algo mais lhe dará conta o guia da Fundação que o vai acompanhar na visita da casa. Não se esqueça todavia o visitante de reparar nos poiais das janelas onde, na grande sala, se sentaram Jacinto e Zé Fernandes, contemplando ao longe o recorte das serras, a reflectir sobre a unidade do Universo e sobre a sua transcendência...

À saída, já no pátio, verá ainda o interior da capelinha cujas obras, há que recordar, haviam trazido Jacinto a Tormes, para onde iam ser trasladados os restos mortais de seus avós. E o que esta capela tem por fora de simplicidade rude, tem no interior graciosidade e encanto, dados pelas dimensões diminutas, pelo coro e tectos, de madeira, e pelo expressivo retábulo pintado do altar. É esta a parte mais antiga da casa pois esta capela, da invocação de S.to António, já existia em 1595, como assegura o tombo da freguesia de Santa Cruz do Douro.

Há que reservar ainda alguns minutos para percorrer o caminho que ladeia a eira, um pouco abaixo do seu nível. Por ele se desce e se vão encontrar águas correntes e cantantes, tal como aconteceu com Jacinto, pois é este o trilho que o senhor de Tormes percorreu com Zé Fernandes, da estação de caminho de ferro, lá em baixo, junto do rio Douro, até à casa. Ao longe, ficam umas construções rurais e habitações que logo se avistam, algumas centenas de metros para nascente. Chama-se Cedofeita esse pequeno lugar. Vale a pena lá ir. Da primeira construção descortina-se a casa de Tormes e a imagem que a Jacinto se ofereceu ao fazer a ascensão da serra, curioso de descobrir a casa dos antepassados, que nunca vira. «Logo se vê, da estação, Tormes?» perguntou ele a Zé Fernandes. «Não! muito no alto,



numa prega da serra, entre arvoredo», diz-lhe o amigo.

Tormes, Santa Cruz do Douro, Baião.

Deverá acrescentar-se que a casa de Tormes apresenta uma traça erudita, patente em alguns pormenores: o arco abatido da entrada, na fachada, que repousa sobre impostas (pedras ligeiramente salientes que se encaixam nas duas pilastras que enquadram esse arco); o recorte da cimalha onde assenta a telha e que percorre a casa de lés a lés; o desenho dos degraus da escada de dois lanços; a perfeição dos silhares, de granito à vista, das paredes; o recorte dos cunhais e, já no interior, os tectos em forma de masseira.

Se compararmos este arco, enquadrado por pilastras, e esta cimalha, com os arcos do solar de S.to Ovídio, no Porto, também da família Figueiroa (onde Eça casou), poderemos admitir que tenha sido o mesmo arquitecto que projectou esta casa de campo, de volumetria e pormenores muito simples, muito bem implantada na plataforma onde se situa.

Não deixa a hera que recobre a fachada de entrada e a fachada sul apreciar estes pormenores e bem lucraria a casa que fosse eliminada.



Pátio da casa de Tormes: «*Tem uma arco enorme – escreveu Eça – e por baixo dele duas escadarias paralelas que são de um mau gosto incomparável*» (Eça de Queirós *Entre os Seus, Cartas Íntimas*).

Na segunda visita que Eça fez a Tormes, em Junho de 1892, com o sobrinho de sua mulher, Luís de Castro, viria a acontecer-lhes a mesma aventura registada na novela: ninguém da quinta os esperava na estação, com as burras que haviam de montar para subir a íngreme serra. É desta sua estada em Tormes este passo de uma carta que escreveu ao conde de Arnoso: «...parei nas serranias do Douro, em Santa Cruz, onde fiquei dois dias a descansar (quase devia dizer a convalescer), do

tremendíssimo almoço com que o meu rendeiro me honrou, logo na manhã da chegada, às dez horas duma doce manhã! O prato mais ligeiro era um anho assado. Na cabidela entrava toda uma capoeira. Sobre a mesa, em vez de garrafa, pousava um pipo! Honrei o festim: depois foram os dois dias, os dois lentos dias de cansaço e digestão, sentado numa pedra, debaixo dum castanheiro. Quando, ao cabo de dois dias, senti que já não havia dentro de mim quase nenhum anho e quase

► *A Cidade e as Serras*, editada em 1901, um ano após a morte do seu autor, foi publicada primeiro sob a forma de conto, intitulado *Civilização*, na «Gazeta de Notícias» do Rio de Janeiro, em finais de 1892. À data da morte de Eça cerca de 65% encontrava-se já composta e por ele revista. A Ramalho Ortigão coube a revisão do manuscrito relativo à parte restante.

Esta é uma obra que, como muitas outras do seu autor, foi objectivo de lenta evolução e apuramento. Por volta de 1945, ano do centenário do nascimento de Eça, verificou-se uma plethora de trabalhos críticos sobre a sua vida e obra. Podemos hoje constatar que, de modo geral, a crítica fez avaliações simplistas desta novela, apontando-lhe sintomas de nacionalismo, conformismo e até de arrependimento. O facto de ser dada e recomendada nos liceus durante a vigência do Estado Novo, cujos corifeus fomentavam tal a interpretação, foi circunstância que não favoreceu a sua fortuna crítica, até porque os mais categorizados estudiosos de então eram opostos a esse regime. O próprio Salazar conhecia-a bem, tendo citado uma passagem relativa à 1ª parte numa conferência que fez em

Évora, em 1928. Dezassete anos mais tarde ao ler uma página manuscrita, numa exposição do Grémio Literário, por ocasião das comemorações do centenário do nascimento do escritor, logo observou que tal página não constava da edição publicada.

Não se poderá negar que a acção do *Ultimatum*, ocorrido dois anos antes da primeira visita de Eça a Tormes, a nostalgia da pátria e a idade, tenham determinado um apaziguamento e inflexão, distantes já do realismo de escola com que afirmou a natureza inicial do seu talento. A crítica, anos depois, foi pouco a pouco, aprofundando a leitura d'*A Cidade e as Serras*, obra riquíssima de potencialidades subtis, de ocultas intenções, ironias e fantasias e de enorme maturidade de escrita. António José Saraiva, por exemplo, reticente e maldizente em 1947, n'*As Ideias de Eça de Queiroz*, quarenta e três anos mais tarde, n'*A Tertúlia Ocidental*, retractava-se chamando-lhe «Obra Prima». Não cessam as sucessivas interpretações críticas que têm vindo a valorizar esta obra. Decerto que tal valorização enriquece o significado simbólico de Tormes, circunstância que cabalmente justifica esta nótula.

nenhuma cabidela – tomei enfim o caminho de Salamanca».

É curioso observar que os lugares biográficos queirosianos andam amiúde aliados aos de Camilo, na Póvoa de Varzim, em Vila do Conde, no Porto e até em Tormes.

E aqui temos nós, a dois passos de Tormes, a casa do Lodeiro que Camilo visitou mais do que uma vez. Um dos artigos das *Noites de Lamego* é datado de Santa Cruz do Douro. Ora esta casa de Lodeiro pertenceu a um amigo de Camilo, José Augusto Pinto Magalhães, raptor de Fanny Owen, com quem veio a casar. O casamento não se consumou e, cerca de um ano depois, Fanny morria tísica, com 24 anos. José Augusto mandou embalsamar o cadáver guardando-lhe o coração num frasco de vidro que esteve muitos anos na capela da casa do Lodeiro. A casa fica junto da estrada, a caminho da igreja de Santa Cruz do Douro. Parece pesar nela a memória triste da infeliz Fanny. Encontraremos notícias deste drama romântico, em que Camilo esteve envolvido, em obras suas como *No Bom Jesus do Monte* e *Duas Horas de Liteira*. Também Agustina Bessa Luís o relatou em *Fanny Owen*.

Mas a região de S.ta Cruz do Douro introduz-nos também, em pleno, na geografia d'*A Ilustre Casa de Ramires*.

«*Nunca li A Ilustre Casa de Ramires*», diz-nos João de Araújo Correia, «*que me não sentisse em Resende. Os Ramires da ficção coincidem com os Ramires históricos, descendentes de D. Ramires II, rei de Leão. Conta-se que um deles, D. Rosendo, deu o nome a Resende e fundou, para si e seus descendentes, a grande quinta do Paço*» (*Horas Mortas*, p. 58). Esta quinta do Paço, que pertenceu a Egas Moniz, esteve até há poucos anos na posse dos descendentes do conde de Resende e corresponde, para João de Araújo Correia, à quinta de Santa Olávia de Afonso da Maia. Ficava na margem esquerda



Túmulo de Eça em Tormes.

do Douro. Quase em frente, nessa mesma margem, encontraremos Santa Maria de Cárquere, a Craquede que aparece na *Ilustre Casa* como local do panteão dos Ramires. Em Cárquere, podemos ver os túmulos medievais dos descendentes de Egas Moniz. Estão na chamada «capela dos Almirantes», construção medieval situada em anexo da igreja e que parece ser mais antiga do que esta. É um pequeno espaço rectangular com quatro túmulos em pedra rudemente talhada. Nos escudos inscrevem-se cabras passantes sobrepostas. Na parede, numa das lápides, lê-se: «Aqui jaz Vasco Martins de Resende do conselho de EI-Rei D. Afonso (IV) regedor de sua justiça na comarca dentre Douro e Minho». O último destes descendentes de Egas Moniz casaria com uma Castro, antepassada dos condes de Resende, título concedido no reinado de D. José I.

No final do capítulo VII d'*A Ilustre Casa de Ramires* Eça recria deste modo esses túmulos: «*E contra o muro, onde rijas nervuras desenham outros arcos, avultam os sete imensos túmulos dos antiquíssimos Ramires, denegridos, lisos, sem lavor, como toscas arcos de granito, alguns pesadamente encravados no lajeado, outros sobre bolas que os séculos lascaram*».

Reza a lenda que no altar da igreja românica de Cárquere, Egas Moniz pôs o seu pupilo Afonso Henriques para o curar da doença que o impedia de andar e que a Senhora lhe fez o Milagre.